

RELATO DE VIVÊNCIAS DE UM ACADÊMICO DE PEDAGOGIA NO CAMPO DA EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA

REPORT OF EXPERIENCES OF AN ACADEMIC IN PEDAGOGY IN THE FIELD
OF EDUCATION AND ANTHROPOLOGY

Cristian Lopez Gomes¹
Jacira Helena do Valle Pereira Assis²

RESUMO: Este texto relata as vivências de um estudante-monitor na disciplina de Educação e Antropologia, obrigatória na estrutura curricular, do Curso de Pedagogia, numa universidade pública, em Mato Grosso do Sul. As reflexões apoiam-se em Roberto Damatta (1986), Roque de Barros Laraia (2007), Gilberto Velho (1978), Pierre Bourdieu (2015) e Pereira (2009), dentre outros. São trazidas à tona as leituras formadoras, a experiência de monitoria de graduação e uma visita técnica a um quilombo rural, todas salientam as contribuições na formação de professores com foco no estranhamento e na construção de práticas de alteridade. Os resultados sinalizam indícios de movimentação dos esquemas de percepção referente à diversidade cultural e sua relação com a docência, por meio da mediação de conteúdos que corroboram na ampliação do capital cultural científico e criam disposições para a formação do *habitus* estudantil.

Palavras-chave: Educação e antropologia; Experiência formadora; Formação de professores; *Habitus* estudantil.

ABSTRACT: This text reports the experiences of a student-monitor in the discipline of Education and Anthropology, mandatory in the curricular structure of the Pedagogy Course, at a public university in Mato Grosso do Sul. The ideas are supported by Roberto Damatta (1986), Roque de Barros Laraia (2007), Gilberto Velho (1978), Pierre Bourdieu (2015) and Pereira (2009), among others. The formative readings, the experience of monitoring a graduation course and a technical visit to a rural quilombo are brought up. All of them brings up the contributions to teacher training, focusing on strangeness and construction of otherness practices. The results indicate signs of movement of the perception schemes referring to cultural diversity and its relation to teaching, through the mediation of contents that corroborate to the expansion of scientific cultural capital and create provisions for the formation of student habitus.

Keywords: Education and anthropology; Formative experience; Teacher training; Student habitus.

INTRODUÇÃO

Este relato tem como gênese as reflexões de um estudante da graduação e monitor da disciplina de Educação e Antropologia, que foi ofertada como disciplina obrigatória do curso de Pedagogia, numa universidade pública, em Mato Grosso do Sul.

A narrativa ao privilegiar o campo da Educação e Antropologia, salienta os aspectos

¹Cristian Lopez Gomes, Graduando em pedagogia da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), cristianlopes.ped.ufms@gmail.com

²Jacira Helena do Valle Pereira Assis, Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), jpereira.dou@terra.com.br

formadores, as práticas que pautam a formação de professores e, sobretudo, o movimento de estranhamento e a preocupação com a alteridade, para que se reconheça e operacionalize práticas inclusivas no que tange à diversidade cultural. O Brasil é um país marcado pela diversidade cultural no que por sua vez também se realiza no campo escolar e demanda como necessárias as leituras do campo antropológico, para que se desenvolva o *habitus* estudantil e se prepare para realidades socioculturais diferentes quando na prática docente.

O relato é organizado em três partes: na primeira, apresenta-se o campo de estudos da Educação e Antropologia e as leituras formadoras na perspectiva de um estudante de graduação em Pedagogia. Na segunda, apresenta-se a narrativa de uma prática da referida disciplina, a de visita técnica a um quilombo rural, qual seja, o Quilombo “Furnas do Dionísio”, situado no município de Rochedinho, em Mato Grosso do Sul. Narra-se o estranhamento sobre a manifestação cultural afro-brasileira de forma a valorar o respeito à diversidade cultural, que existe no estado de Mato Grosso do Sul e no país. Na terceira parte, o foco são as vivências numa monitoria que oportunizou reflexões da condição de estudante de graduação que orienta e vivencia com outros colegas de curso, os conhecimentos em Educação e Antropologia. Nas considerações finais, os resultados sinalizam que os conteúdos antropológicos possuem potencialidades na formação do *habitus* estudantil, pois as disposições geradas corroboram na movimentação dos esquemas de percepção referente à docência e sua relação com a diversidade cultural.

CONTRIBUIÇÕES DO CAMPO DA EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

No curso de formação de professores em Pedagogia, a disciplina de Educação e Antropologia pode contribuir para compreender as contribuições do pensamento antropológico ao campo educacional, explicitar as diferentes formas de construção do modo humano de viver a realidade, que se mostram nas instituições básicas da vida social, em especial, nas relações dos processos educativos - formais e informais. A disciplina Educação e Antropologia” se constitui como obrigatória de acordo com o Projeto Pedagógico, do curso de Pedagogia numa universidade pública, em Mato Grosso do Sul.

Compreender que a Educação e Antropologia forma um campo de estudos é trazer as tensões que historicamente perpassaram a ciência antropológica, quais sejam da importância dos conteúdos antropológicos para o campo da educação. Campo no sentido do conceito usado pelo teórico Pierre Bourdieu, no qual possui regras do jogo e desafios – irreduzíveis às regras do jogo e aos desafios dos outros campos (CATANI, 2017, p. 65). Logo, um território de disputas.

O campo de estudos de formação de professores também se constitui como um espaço de disputa, pois existem conhecimentos e disciplinas que são mais valorizados que outros. O campo de estudos da Educação e Antropologia se constitui como basilar para formar professores que tenham um olhar científico, que sejam capazes de mobilizar o conceito de cultura, para interpretar a diversidade cultural que está inserida no espaço escolar e, conseqüentemente, entender a escola em sua totalidade.

Dessa forma, o primeiro texto lido na disciplina de “Educação e Antropologia” foi o do antropólogo Roberto DaMatta (1986, p. 121-128), que faz uma imersão no conceito de cultura e busca desconstruir uma visão preconceituosa do senso comum sobre tal conceito. Afinal, é muito comum ouvir no cotidiano:

[...] *cultura* como sinônimo de sofisticação, de sabedoria, de educação, no sentido restrito do termo. Quer dizer, quando falamos que “Maria não tem cultura” e que “João é culto”, estamos nos referindo a um estado educacional destas pessoas querendo indicar com isso sua capacidade de compreender ou

organizar certos dados e situações. Cultura aqui é equivalente a um volume de leituras, a controle de informações, a títulos universitários e chega até mesmo a ser confundida com inteligência [...]. (DAMATTA, 1986, p. 121).

O referido autor faz o combate a ideia de que cultura seja sinônimo de inteligência, educação ou instrução, porque é um termo usado muitas vezes para se referir a um determinado capital cultural acumulado. Bourdieu (2015) compreende que o capital cultural é o conhecimento acumulado por meio de diversas estratégias, que possibilita a uma determinada classe social sobressair, mobilizá-lo como moeda, pois tem mais recursos por conta de seu capital econômico. Para DaMatta (1986) associar cultura com inteligência é uma visão elitista e preconceituosa, pois as diferentes frações das classes sociais privilegiadas tendem a ter mais recursos e, conseqüentemente, a acumular mais conhecimentos.

Outro autor mobilizado na disciplina para o entendimento do pensamento antropológico foi Laraia (2008), o livro indicado para leitura é intitulado: “Cultura, um conceito antropológico”, no qual o autor traz uma desconstrução do senso comum relacionado à cultura e aos agentes culturais.

Um conceito que perpassa o conceito de cultura advém do determinismo biológico, que na verdade não existe uma condição determinante do sujeito relacionado às questões culturais por genótipo. No dia a dia é comum ouvir que existe uma determinada “raça”, que possui mais habilidades em uma determinada função do que outras, e “Os antropólogos estão totalmente convencidos de que as diferenças genéticas não são determinantes das diferenças culturais.” (LARAIA, 2008, p. 17).

Após a leitura do texto de Laraia (2008) a disciplina orientou-se para colocar em suspensão como se formou o preconceito, porque existem práticas discriminatórias em relação a determinados comportamentos sociais.

A nossa herança cultural, desenvolvida através de inúmeras gerações, sempre nos condicionou a reagir depreciativamente em relação ao comportamento daqueles que agem fora dos padrões aceitos pela maioria da comunidade. Por isto, discriminamos o comportamento desviante. (LARAIA, 2008, p. 67).

Laraia (2008) problematiza porque muitas vezes o sujeito age de forma discriminatória em relação a outro indivíduo por manifestar algum hábito. O ser humano enxerga por meio de sua cultura, que é uma lente, por conta disso tem visões desencontradas. O homem possui a tendência de colocar a lógica de seu sistema cultural em outro, com isso ocorre as visões desencontradas. Laraia (2008) aponta que não passa de um ato de etnocentrismo colocar a lógica de um sistema cultural em outro.

Outro conceito caro para se adentrar ao campo antropológico é o de etnocentrismo. “O etnocentrismo, de fato, é um fenômeno universal. É comum a crença de que a própria sociedade é o *centro da humanidade*, ou mesmo sua única expressão.” (LARAIA, 2008 p. 73, grifo nosso).

O ato de enxergar por meio de sua cultura traz como consequência a concepção em considerar os costumes e o modo de vida, como o modo correto e mais “natural” a ser seguido por todos, afinal cada cultura tem sua lógica própria dos agentes culturais, que estão inseridos naquele campo social.

Todo sistema cultural tem sua própria lógica e não passa de um ato primário de etnocentrismo tentar transferir a lógica de um sistema cultural para outro. Infelizmente, a tendência mais comum é de considerar lógico apenas o próprio sistema e atribuir aos demais um alto grau de irracionalismo (LARAIA, 2008, p. 87).

O entendimento do conceito de etnocentrismo para desconstrução de ideias preconceituosas é fundamental para pôr em exercício a alteridade, que segundo Pereira, (2009, p. 11) “[...] significa ser outro, colocar-se ou constituir-se como outro”, com os sujeitos que estão em interação com o aluno seja qual for o campo social.

A concepção de que a cultura é dinâmica é essencial para diminuir os choques culturais entre as gerações, para evitar comportamentos preconceituosos. De acordo com o Laraia “[...] o homem é o único ser possuidor de cultura” (LARAIA, 2008, p. 28), então por conta disso, ele é capaz de alterar algumas ações e se questionar sobre os seus hábitos e costumes. “[...] porque os homens, ao contrário das formigas, têm a capacidade de questionar os seus próprios hábitos e modificá-los.” (LARAIA, 2008, p. 95).

O texto “Observando o familiar” que é de autoria de Gilberto Velho (1997), focaliza a postura do pesquisador, introduz que é necessária uma distância mínima para o pesquisador dar condições de objetividade em seu trabalho. É preciso que o pesquisador veja com olhos imparciais, para assim evitar o envolvimento que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões, o autor menciona que é inevitável um envolvimento com o objeto de estudo, e que não constitui um defeito para a pesquisa, apenas alerta para a vigilância epistemológica.

Velho (1997) apresenta a noção de “exótico em familiar e familiar em exótico”, neste compreende-se as interações de um sujeito com outro, que por sua vez envolvem questões de distância, distância física e distância psicológica.

O fato de dois indivíduos pertencerem à mesma sociedade não significa que estejam mais próximos do que se fossem de sociedades diferentes, porém aproximados por preferência, gostos, idiosincrasias [...]. O fato é que se está discutindo o problema de experiências mais ou menos comuns, partilháveis, que permitam um nível de interação específico. Fala-se a mesma língua não só não exclui que existam grandes diferenças no vocabulário, mas que significados e interpretações diferentes podem ser dados a palavras, categorias ou expressões aparentemente idênticas (VELHO, 1997, p. 2-3).

Outra noção valiosa para construir um pensamento antropológico é a de “estranhamento”, durante a disciplina se questionou como seria o processo de superar o etnocentrismo, bem como a aproximação do conceito de “estranhamento”, compreendido por um tipo de perplexidade provocada pelo encontro das culturas que são para o sujeito as mais distantes, e por meio desse encontro capaz de levá-lo a uma modificação de pensamento, um olhar que se tinha sobre si mesmo e sobre o outro.

O ato de estranhar diante de algo que não se tem conhecimento ou costume, se apresenta como uma via de possibilidade no agente, ou seja, o surgimento de uma vontade primeira do saber, de conhecer o novo, em se habituar a ele e assim o entender melhor. Surge como uma ferramenta essencial para o início da problematização de um fenômeno social. Então a contribuição do texto seria a possibilidade do estudante em estranhar uma cultura que não teve contato e que está em processo de conhecê-la. Em síntese estas noções iniciais formam uma base de conhecimento antropológico favorável para fundamentar uma prática que se enseja inclusiva na diversidade cultural.

Os conteúdos referentes a Educação e Antropologia possuem potencialidade na formação do *habitus* estudantil, as disposições geradas corroboram para a ação docente no campo educacional. Os estudantes formam assim novas concepções educacionais referente à diversidade e à diferença agregam novos elementos no *habitus*. Mas, o que é *habitus*? Pierre Bourdieu conceitua *habitus* como:

[...] sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente “regulamentadas” e “reguladas” sem que por isso sejam os produtos de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro. (BOURDIEU, 1983b, p. 15).

As disposições geradas por meio dos estudos de Educação e Antropologia, formam um novo modo de pensar à docência, ou seja, os estudantes poderão desempenhar suas práticas pensando na diversidade cultural. Silva (2005) aprofunda sobre a experiência como estudante, para a autora a produção do *habitus* estudantil é formado por um licenciando que:

[...] recebe informações, apreende saberes, vivencia experiências com os conteúdos curriculares que dizem respeito à profissão docente e ao trabalho pedagógico (para trabalhar apenas com macrocategorias da formação), tem acesso a sistematizações organizadas com dados empíricos, manuseia balizamentos teóricos, desenvolve várias competências e procura a relação entre teoria e realidade, entre outros. Mas não está, em tais situações, praticando o ofício docente. Tampouco está produzindo ou reproduzindo o *habitus* professoral. Está, por assim dizer, reproduzindo o *habitus* estudantil. (SILVA, 2011, p. 351).

As noções iniciais do campo de estudos de Educação e Antropologia também podem criar disposições na formação do *habitus* estudantil, podem estruturar a formação docente, conseqüentemente a estruturação do *habitus* professoral, pois “[...] a produção desse *habitus* depende da qualidade teórica e cultural da formação dos professores, mas não é desenvolvido durante a formação, e sim durante o exercício profissional.” (SILVA, 2005, p. 161).

A partir da perspectiva de construção de um *habitus* estudantil foi proposto uma visita técnica em Furnas do Dionísio (Quilombo rural). Precedeu a visita técnica a produção de um plano de atividades lúdicas a fim de interagir com a comunidade do quilombo.

O CAMPO ANTROPOLÓGICO VIVENCIADO NUM QUILOMBO RURAL: PRÁTICA EXTENSIONISTA EM FURNAS DO DIONÍSIO/MUNICÍPIO DE ROCHEDINHO/MS

De acordo a Secretaria Especial da Cultura (BRASIL, 2018) foram certificadas 144 comunidades quilombolas em 2018, tal certificação visa ao reconhecimento das origens, permitindo que as comunidades possam ser beneficiárias de políticas públicas. A Fundação Cultural Palmares é a instituição responsável pela certificação que está vinculada ao Ministério de cultura, há 18 comunidades quilombolas em Mato Grosso do Sul.

Conhecer um quilombo, interagir com os membros foi um dos objetivos da visita técnica realizada em Furnas do Dionísio (Rochedinho/MS), outro objetivo foi ouvir as narrativas orais para compreender a memória do grupo e a construção dos pertencimentos identitários do Quilombo, que possui elementos da cultura regional e afro-brasileira.

Mas, o principal objetivo foi levar o conhecimento adquirido em Educação e Antropologia por meio de atividades lúdicas, planejadas pelos estudantes do curso de Pedagogia. Na ação extencionista participaram estudantes de Pedagogia e duas professoras da disciplina de Educação e Antropologia, esta foi realizada no dia 20 de novembro, data emblemática para o movimento negro, pois homenageia Zumbi dos Palmares.

No primeiro momento houve uma roda de conversa, em que o líder do quilombo trouxe sua narrativa da memória do quilombo:



Figura 1. Líder do quilombo.

Fonte: Autores, 2018.

O líder narrou sobre a gênese do Quilombo “Furnas do Dionísio”, que teve fundação em 1890, após a abolição da escravidão, que foi decretada em 1888. O “Senhor” Dionísio Antônio Vieira juntamente com sua família vieram de Minas Gerais, construíram a primeira casa de Pau a Pique, argila e sapê. Dentro do quilombo havia a prática de comércio de vendas de produtos, principalmente sal e querosene. Devido à proximidade com Campo Grande, era facilitado o transporte que era feito em animais. Até nos dias atuais dentro do Quilombo há prática da venda de produtos de agricultura e apicultura, sendo considerados “de qualidade” pelas pessoas que compram.

O líder apresentou especificidades culturais atuais do quilombo, ele mencionou o cumprimento religioso chamado “axé” que significa forças e energias positivas e que é utilizado por alguns membros do grupo. Houve apresentações de caráter religioso, porém não houve manifestação de alguma religião específica, de acordo com o líder, as duas religiões predominantes dentro do quilombo são a católica e a evangélica, a devoção religiosa é muito presente dentro da comunidade quilombola.

Houve apresentações de manifestações culturais, danças que foram apresentadas por membros do grupo de todas as faixas etárias. O líder enfatizou que as danças são aprendidas desde a infância.



Figura 2. Danças no quilombo

Fonte: Autores, 2018.

Durante a visita, os estudantes de Pedagogia executaram o plano com atividades lúdicas que foi construído de forma coletiva, estas atividades extensionistas tinham como foco as temáticas de diversidade e diferença.

Dessa forma, foi proposta uma leitura para as crianças em uma roda conversa, o livro infantil utilizado foi “Cada um tem seu jeito e cada jeito é de um”, a personagem principal é uma menina preta que ama sua cor de pele, seu cabelo e seu sorriso. O livro traz a proposta de evidenciar que durante o convívio social, há interação com a diferença e a diversidade e que se constitui como necessário o exercício de respeito e tolerância entre as pessoas para uma sociedade com práticas de alteridade.

Os estudantes da Pedagogia trouxeram a proposta lúdica de montar a boneca africana “Abayomi”, primeiramente foi explicada a história da boneca para as crianças e adolescentes do quilombo. A história se constitui como um símbolo de resistência, pois as mães dentro dos navios negreiros produziam a boneca com pedaços de pano de sua saia, faziam apenas utilizando nós e tranças, serviam como amuletos de proteção para as crianças. Após a apresentação da história, as bonecas foram feitas pelo grupo quilombo juntamente com os estudantes.



Figura 3. Boneca Abayomi produzida no Quilombo Furnas do Dionísio

Fonte: Autores, 2018.

Durante a visita houve diversas manifestações valorativas para a cultura afro-brasileira e para a cultura regional. Os estudantes de Pedagogia tiveram que estranhar o sistema cultural que possui uma lógica diferente da que estão inseridos, conseqüentemente tiveram que colocar em prática a alteridade ao interagir com esse campo social.

Os estudos antropológicos aprendidos no curso de Pedagogia, a observação das práticas sociais e culturais do grupo quilombola e a ação docente feita, assumiram uma prática diferenciada, na qual proporcionou uma reflexão acerca da diversidade cultural e potencialmente formativa ao *habitus* estudantil.

Em síntese, foi gerado disposições para a movimentação dos esquemas de percepção e julgamento interiorizados pelos estudantes acerca da atividade docente e sua interação com a diversidade cultural.

VIVÊNCIAS NA MONITORIA EM EDUCAÇÃO E ANTROPOLOGIA

A monitoria de graduação consiste em um projeto de ensino, que tem como objetivo auxiliar os estudantes com as atividades e textos propostos pela ementa curricular. Há um processo de seleção para monitoria, em que são avaliados os estudantes que se inscrevem, como foi o caso deste estudante que relata o que aconteceu por meio do Edital de resultado N° 211/2019.

No desenvolvimento da monitoria como estudante-monitor, buscou-se a participação em algumas aulas com o docente e assistência aos estudantes no contraturno. Esta ação era desenvolvida previamente agendada, concomitante, também se assistia aos estudantes a distância.

Observa-se que durante as atividades de monitoria, uma estudante perguntou em como associar as teorias aprendidas em Educação e Antropologia com a prática docente. O estudante-monitor respondeu que, a apreensão do conceito de estranhamento possibilita um novo olhar sobre a cultura escolar que não se teve contato, ocorrendo assim uma modificação do pensamento que se tinha sobre si mesmo e sobre o outro.

Em específico a contribuição da Educação e Antropologia, propicia embasamento para a prática pedagógica com as leituras formadoras da disciplina, não reproduzindo discursos homogeneizadores e preconceituosos acerca dos estudantes que terão interação no estágio.

Em um outro plantão de dúvidas, houve uma estudante que questionou sobre as disciplinas de fundamentos, apresentando a pergunta: por quê há muitas disciplinas “teóricas” na estrutura curricular ao invés de matérias voltadas às práticas e metodologias utilizados pelo pedagogo em sala de aula? O estudante-monitor observou que em um curso de formação de professores as disciplinas de fundamentos, trazem conteúdos necessários para pensar a sociedade em sua totalidade, é necessário ter futuros docentes que possuam criticidade ao analisar a atual conjuntura da sociedade, da cultura e da educação.

Outro destaque na atuação do estudante-monitor se deu no acompanhamento da produção de um memorial intitulado: “As diferenças na história da minha escolarização”, em que cada estudante produz uma narrativa escrita sobre a trajetória escolar com uma fundamentação teórica, isto é, com os autores trabalhados na disciplina”. O estudante faz o exercício de olhar para suas ações no meio escolar durante sua trajetória na Educação Básica, pois muitas vezes os hábitos, quando refletidos possibilitam o estranhamento e a desnaturalização.

Durante a produção do memorial, alguns estudantes compareceram no plantão de dúvidas, a maior dificuldade apresentadas por eles estava relacionada em associar a teoria aprendida na trajetória pessoal. Foi necessário orientar as leituras a fim de focalizar o conceito de cultura, a questão do familiar no exótico e o exótico no familiar, alteridade e estranhamento.

Foi proposto pela docente da disciplina um plano de intervenção em que consistia em uma construção de uma proposta em alguma instituição escolar, que visasse desconstruir o preconceito relacionado às relações étnicas raciais, gênero ou classe social, gerando assim uma prática de alteridade dos estudantes em tal instituição. Os estudantes escolheram algum caso relacionado a um preconceito que houve em alguma instituição escolar. Os planos de intervenção tinham como objetivo mostrar como é essencial o respeito as diferenças culturais e que a educação tem um papel norteador de constituir a tolerância.

No âmbito das relações é essencial o respeito do caráter multicultural das pessoas. E a educação constitui o meio mais eficaz de prevenção à intolerância. Assim, dessa forma entende-se que a prática da tolerância significa que toda pessoa tem a livre escolha de suas convicções. Também nesse mesmo sentido, significa aceitar o fato de que os seres humanos, que se caracterizam naturalmente pela diversidade de seu aspecto físico, de sua situação, de seu

modo de expressar-se, de seus comportamentos e de seus valores, têm o direito de viver em paz. (PEREIRA, 2009, p. 43).

As atividades da monitoria propiciaram acumulação do capital cultural do estudante-monitor, porque deram a possibilidade de ampliá-lo, por meio das experiências que foram mobilizadas, tais como: os plantões de dúvidas e o acompanhamento das aulas do docente, pois foi necessário ler e aprofundar nos textos de quando cursou a disciplina para responder aos questionamentos dos estudantes.

Compreendeu-se que os estudantes ao apresentarem suas antigas concepções e suas novas concepções embasadas cientificamente referentes à diversidade cultural, nos conteúdos antropológicos criaram disposições para a prática de alteridade. Afinal, a disciplina “Educação e Antropologia” constituída como obrigatória na ementa curricular possibilita oportunidades de movimentação do *habitus* dos estudantes, pois o *habitus* “[...] é durável, mas não estático ou eterno: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas [...]” (CATANI, 2017, p. 214), e conseqüentemente, amplia-se o capital cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo relatar as vivências de um estudante-monitor na disciplina de Educação e Antropologia, no Curso de Pedagogia, na condição de disciplina obrigatória da estrutura curricular e suas contribuições na trajetória acadêmica de estudantes em formação para a docência.

Os resultados sinalizam que as leituras formadoras do campo da referida disciplina possuem potencialidades para desconstruir o olhar de senso comum sobre as relações humanas e a cultura. Nas leituras e estudos foi evidenciado que os conceitos antropológicos de alteridade, estranhamento e cultura são basilares para provocar mudança na trajetória dos acadêmicos.

A ação extensionista realizada no “Quilombo Furnas do Dionísio” proporcionou um melhor reconhecimento dos pertencimentos étnicos de uma comunidade negra e rural, no qual se experimentou o sentimento de alteridade. Logo, se teve a oportunidade de aproximar da cultura daquela comunidade quilombola e rural.

O estudante-monitor contribuiu para que ocorresse uma movimentação do olhar do senso comum para o científico por parte dos estudantes, ao longo dos plantões da monitoria as narrativas predominantes eram calcadas no senso comum.

Em suma, as vivências na disciplina em tela indicaram potencialidades para mudar o olhar etnocêntrico, para se interagir com a diferença e a diversidade, as disposições geradas corroboram para uma futura ação docente no campo educacional, que considere as práticas da alteridade, pois ocorreu a movimentação dos esquemas de percepção referente à docência e sua relação com a diversidade cultural.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O campo científico. In: ORTIZ, R. (Org.). **Pierre Bourdieu: sociologia**. Trad. Paula Montero e Alicia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, P. **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRASIL. Ministério do turismo. **Secretaria Especial da Cultura**. Brasília, 2018.

CATANI, A. M. *et al.* (Org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

DAMATTA, R. Você tem cultura? *In*: DAMATTA, R. **Explorações – Ensaios de Sociologia Interpretativa**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

LARAIA, R. B. **Cultura, um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2007.

PEREIRA, J. H. V. **Pluralidade cultural e escola**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

SILVA, M. da. O *habitus* professoral: o objeto dos estudos sobre o ato de ensinar na sala de aula. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 29, 2005. p. 152-164.

SILVA, Marilda da. *Habitus* professoral e *habitus* estudantil: uma proposição acerca da formação de professores. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 3, 2011. p. . 335-360.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: NUNES, E. O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.